

A TRADIÇÃO AINDA É O QUE ERA:

A presença do cancionero popular nos álbuns infanto-juvenis*

Francisco Topa

Ouvimos cada vez com mais frequência lamentos perante o alegado desprezo a que está votada a generalidade da literatura oral e perante o seu desaparecimento da memória colectiva, sobretudo entre os mais jovens. Tentarei mostrar nesta comunicação que tal pessimismo não é totalmente fundado, centrando a minha comunicação numa modalidade ignorada das rimas infantis.

Trata-se de textos – quase todos em verso e geralmente sob a forma de quadra heptassilábica – usados por crianças e adolescentes em processo de escolarização, sobretudo as raparigas, numa faixa etária sensivelmente compreendida entre os 10 e os 13 anos. Recolhidos em cadernos que fazem lembrar os antigos álbuns de visita, tais textos cumprem uma função que os ultrapassa: acompanhando um autógrafo, não pretendem ser mais que uma marca escrita – e portanto ‘imperecível’ – de uma relação de amizade ou de companheirismo. É o que nos diz claramente o seguinte exemplo:

* Comunicação apresentada ao congresso Cultura Popular da Galiza e Norte de Portugal, realizado no Porto, na Fundação António Cupertino de Miranda, entre 12 e 14 de Setembro de 2001. O artigo foi publicado na *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XIX, Porto, Faculdade de Letras, 2002, pp. 545-551.

Autógrafo da minha amiga,
Livrinho da felicidade,
Recorda p'ra toda a vida
Lembranças da mocidade.

Antes de proceder a uma caracterização mínima desta modalidade das rimas infantis e de mostrar a forte presença nela do cancionero popular, começo por explicar como foi reunido o *corpus* em que me apoiarei. Composto por 427 textos¹, foi quase todo constituído a partir de inquéritos feitos a crianças e adolescentes da escolaridade obrigatória por nove antigas alunas minhas da cadeira de Literaturas Orais e Marginais do curso de Línguas e Literaturas Modernas da Faculdade de Letras do Porto. Levado a cabo entre 1992 e 1995, o trabalho centrou-se sobretudo na zona urbana do Grande Porto (concelhos do Porto, Vila Nova de Gaia e Maia), mas incluiu também espaços mais periféricos, como São João da Madeira, e áreas que ainda apresentam algum pendor rural, casos de Amarante, Valpaços, Bragança ou Campo Maior. Os limites cronológicos da recolha são 1981 e 1995, predominando as composições escritas em meados da década de '90.

Feito este esclarecimento preliminar, tentarei agora caracterizar de forma mínima esta modalidade ignorada das rimas infantis, a que – à falta de designação consagrada – chamarei *autógrafos rimados*.

O aspecto que me parece mais importante sublinhar tem a ver com a própria natureza dos textos reunidos nos álbuns infanto-juvenis. À partida, e atendendo ao propósito das recolhas, seria talvez de esperar que eles não diferissem muito daquilo que se encontra, por exemplo, nas fitas usadas pelos estudantes

¹ Publicados no meu *Olhares sobre a Literatura Infantil — Aquilino, Agustina, conto popular, adivinhas e outras rimas*, Porto, Edição do Autor, 1998 (cap. VIII. «P'ra que nunca mais te esqueça — Os versos dos álbuns infanto-juvenis», pp. 107-143).

universitários: frases em prosa mais ou menos conseguidas, de criação pessoal. No entanto, não é isso que acontece: estes álbuns (ou cadernos) incluem quase exclusivamente textos em verso, em geral sob a forma da quadra popular, sendo que um grande número deles pertence à tradição oral. De facto, numa pesquisa meramente indicativa, tive oportunidade de constatar que 92 dos 427 textos do *corpus*, isto é, 21,5% do total, constituem exemplares – com variantes mais ou menos significativas – do nosso cancioneiro popular.

Esta verificação não pode deixar de causar alguma perplexidade, sobretudo levando em conta a ideia insistentemente repetida – mas pouco demonstrada – de que a tradição está em processo acelerado de desaparecimento, sobretudo nos meios urbanos e entre os mais novos. De facto, não é fácil perceber de que modo esta faixa populacional infanto-juvenil – com características próprias, como a circunstância decisiva de se encontrar em processo de escolarização – mantém vivo esse património tradicional. Creio que a resposta decisiva só poderá ser encontrada através de um trabalho de campo rigoroso. Para já, talvez seja apenas de admitir que serão as características do cancioneiro popular – a brevidade, a métrica, a rima, e a consequente facilidade de memorização dos textos, a par do predomínio dos motivos líricos – a principal causa que justifica a atracção das crianças e adolescentes por esse património.

Tentando agora documentar melhor esta primeira observação sobre as características dos autógrafos rimados, vejamos alguns exemplos de textos do cancioneiro popular que surgem no *corpus*.

Talvez com alguma surpresa, o grande tema das rimas é o lirismo amoroso, numa variada gama de motivos. É justamente neste núcleo temático que a presença do cancioneiro é mais assídua. Em registo aforístico e um tanto fatalista, podemos encontramos uma definição do amor como esta:

Lá vai o rio fugindo;

Ai, quem mo dera agarrar!
O amor é como o rio:
Foge e não torna a voltar.

Há declarações de amor que surpreendem pelo seu tom um tanto ‘arcaico’:

Eu amo-te mais que a vida,
Eu amo-te mais que aos meus;
Embora seja pecado,
Eu amo-te mais que a Deus.

Outras não podem deixar de suscitar um sorriso de ternura pela natureza das imagens em que se apoiam:

Eu sou o sol, tu és a lua.
Qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol, a buscar-te?
Tu, como a lua, a fugir-me?

O mesmo tipo de linguagem ‘fora de moda’ se descortina na representação de motivos como o beijo ou a carta. Repare-se no surpreendente conservadorismo deste exemplo:

Se te pedirem um beijo,
Isso que mal tem?
À mulher nada custa
E ao homem sabe bem.

Ou na graça destoutro:

Se os beijinhos espigassem,
Como espiga o alecrim,
Tinham muitas raparigas
A cara como um jardim.

Ou ainda no surpreendente retomar do motivo da carta:

A carta que te escrevo
Saiu-me da palma da mão;
A tinta saiu dos olhos
E o resto do coração.

O amor não correspondido é outro dos motivos responsáveis pela incorporação de textos do cancionero popular. Vejamos apenas um exemplo:

Amas a Nosso Senhor,
Que morreu por tanta gente;
Mas não me amas a mim,
Que morro por ti somente.

Num registo mais humorístico, também o tópico do amor estudantil justifica a retomada de textos tradicionais:

Não vás às aulas,
Vai com ele p'ro jardim;
Mais vale uma hora de amor
Do que duas de Latim.

Mas esta não é a única forma por que se manifesta a presença do cancionero popular nos autógrafos rimados. Na verdade, para além da simples incorporação de textos, de temas, de motivos, a influência do cancionero manifesta-se também em aspectos da arte poética deste tipo de rimas infantis.

O traço mais evidente reside no predomínio nítido da quadra de tipo *abcb*, construída com heptassílabos acentuados na 3.^a ou 4.^a sílabas. A estrutura do poema também é idêntica à da quadra popular: o texto dos autógrafos rimados assenta quase sempre numa estrofe bipartida, como se se tratasse de dois dísticos. Com frequência, a primeira parte apresenta um sentido geral, que serve de pólo de comparação, ao passo que a segunda traduz a sua aplicação a uma situação concreta. Mas também não faltam os casos em que não há uma relação de sentido imediata entre os dois dísticos, servindo o primeiro sobretudo como pretexto de rima.

Relativamente à métrica – e à semelhança do que ocorre no cancionero popular –, a redondilha maior, apesar de largamente maioritária, convive com outras medidas próximas, verificando-se ainda que o isossilabismo pode ser apenas tendencial. A título de exemplo, vejamos esta quadra, construída segundo um modelo que apenas se aproxima do pentassílabo, dado que os dois primeiros versos apresentam, respectivamente, 4 e 6 sílabas:

A flor mais linda
Um dia murchará;
Mas o nosso amor
Nunca acabará.

Apesar da submissão a esse modelo tradicional, há um número muito significativo de textos que parece ser de criação própria. Mas, também aqui,

predominam as técnicas e os motivos do cancionero popular, sendo os resultados com frequência pouco animadores. Atente-se na pobreza de textos como estes:

Tu és aquele que eu amo,
Aquele que eu chamo,
Aquele por quem eu sofro,
Aquele que eu tanto amo.

Quem gosta da verdade,
Gosta a valer;
Nunca terei vontade
De um dia ter perder.

Não obstante, há textos bem interessantes. Veja-se este caso, que subverte com ironia e humor o lugar-comum de que parte:

A vida é um deserto
Que tens de atravessar,
Mais o camelo do rapaz
Que te acompanhar.

Ou esta curiosa declaração de amor, em que o enunciador – recorrendo a um saber escolar – acaba por sugerir o contrário daquilo que declara, aparentemente só para não dar parte de fraco:

Cada vez me gramas menos,
Por isso estamos iguais;
Mas lembra-te da álgebra:
Menos por menos dá mais.

O humor é de resto uma presença assídua nos textos de criação própria, revestindo duas formas predominantes. Por um lado, temos um humor infantil e inocente, em textos do género:

O amor é um gatinho
Que não pára de miar.
Ó gatinho, vai-te embora,
Deixa a ____ estudar!

Por outro, temos um humor mais maduro e requintado, capaz de jogar com as potencialidades da língua:

Amo-te mais do que as outras,
Até no amar sou diferente;
As outras amam-te por enquanto
Eu amo-te para sempre.

Estou chumbada a Química,
Apanhei um desgosto:
Ainda não sei se o amor
É simples ou é composto.

Outra vertente interessante dos textos de criação própria tem a ver com a utilização de outras línguas, sobretudo, e como seria de esperar, o inglês. É possível que se trate de uma simples manifestação de virtuosismo, embora o conteúdo de alguns deles pareça sugerir que o recurso a outra língua é sobretudo um modo de ultrapassar a timidez. Mas seja qual for o motivo que leva os utilizadores a optar por uma língua estrangeira, o que me interessa notar agora é o

facto de o modelo de construção do texto ser o mesmo que vimos atrás, como o mostra este exemplo:

Roses are red,
Violets are blue;
Kiss me, please,
Because I love you.

Na verdade, continuamos a ter a quadra de tipo *abcb'*, com uma estrutura dicotómica em que o primeiro dístico serve apenas de pretexto para a rima. Quanto à métrica, o isossilabismo é aproximativo, tendendo neste caso para a redondilha menor.

Vemos assim que são vários os modos por que se manifesta a presença do cancionero popular nesta curiosa modalidade das rimas infantis que são os autógrafos rimados. E creio que não podemos deixar de reconhecer neste fenómeno um sinal – bem menos isolado do que aquilo que possa parecer aos mais desatentos – do convívio assíduo e descomplexado dos mais jovens com essa parte do nosso património que é a literatura oral.

Em tempos em que o ensino da língua parece desconsiderar cada vez mais os textos literários, talvez possamos ver nos autógrafos rimados uma chamada de atenção dos alunos mais novos para a importância da poesia, mesmo nas suas manifestações aparentemente mais simples.